

“Eu não sou mulher de nada”, eu digo rigidamente. “Só de mente livre e livre arbítrio.”

“E ainda assim, outro dia, você estava julgando as mesmas pessoas que vêm aqui para adorar.”

“Eu não estou dizendo que concordo com o que eles estão adorando”, eu explico. “É só que eu posso sentir que eles fazem. Não é sobre Deus. É sobre desespero.”

O silêncio se estende entre nós, e eu me preocupo em tê-lo ofendido, mesmo que eu queira ofendê-lo.

“Entendo”, ele diz cuidadosamente, esfregando os lábios enquanto pondera minhas palavras.

“Você deveria ter cuidado; seus pensamentos estão beirando a blasfêmia.”

“E por que eu me importaria?”

“Porque você é quem acabou de me perguntar como orar.” Ele pega meu braço novamente e me leva até a frente da igreja, uma área elevada em frente ao corredor. Há alguns degraus que levam até lá e então uma longa mesa iluminada com velas, coberta com renda branca. Atrás dela, uma grande cruz de prata está montada na parede, várias outras cruzes e retratos de pessoas de cada lado com janelas feitas de vidro colorido.

“Aqui”, ele diz em voz baixa, ajoelhando-se no degrau e gesticulando para que eu faça o mesmo.

Eu puxo a bainha da minha saia e tento me ajoelhar ao lado dele, meus movimentos desajeitados enquanto eu dobro meus joelhos dessa forma, o cetim verde se acumulando ao meu redor como água. Eu observo tudo o que ele faz — a maneira como ele coloca as mãos juntas, palma com palma, dedos para cima, como ele olha para a cruz, a maneira como ele abaixa a cabeça e descansa as pontas dos dedos na testa, fechando os olhos.

“Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome”, ele diz em uma voz baixa e rica, uma versão mais baixa daquela que eu ouvi ecoando durante a missa.

“Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como no céu.”

Ele então fica em silêncio, e eu não consigo evitar prender a respiração.

Finalmente, ele abre os olhos e me lança um olhar tímido. “Você deve repetir depois de mim.”

“Oh!” Eu exclamo suavemente. “Minhas desculpas. Você pode repetir?”

Ele me lança um sorriso paciente e então repete a oração novamente, parando no final de cada frase para que eu a diga de volta.

“O que acontece depois?” Eu pergunto.

“Você pode orar por coisas específicas,” ele diz, olhando para a cruz. “Ou você pode deixar como está, contanto que haja significado em cada palavra, contanto que